

1996

TEXTO PARA DISCUSSÃO

UMA ANÁLISE DA TRANSIÇÃO DOS JOVENS PARA O PRIMEIRO EMPREGO NO BRASIL

Maurício Reis

The logo for IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) features the lowercase letters "ipea" in a white, sans-serif font. A yellow and green swoosh underline is positioned beneath the letters, starting under the "i" and ending under the "a".

ipea

1996

TEXTO PARA DISCUSSÃO

Brasília, agosto de 2014

UMA ANÁLISE DA TRANSIÇÃO DOS JOVENS PARA O PRIMEIRO EMPREGO NO BRASIL

Maurício Reis¹

1. Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea.

Governo Federal

**Secretaria de Assuntos Estratégicos da
Presidência da República**
Ministro Marcelo Côrtes Neri

ipea Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

Fundação pública vinculada à Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiro – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidente

Sergei Suarez Dillon Soares

Diretor de Desenvolvimento Institucional

Luiz Cezar Loureiro de Azeredo

Diretor de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia

Daniel Ricardo de Castro Cerqueira

Diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas

Cláudio Hamilton Matos dos Santos

Diretor de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais

Rogério Boueri Miranda

Diretora de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação, Regulação e Infraestrutura

Fernanda De Negri

Diretor de Estudos e Políticas Sociais, Substituto

Carlos Henrique Leite Corseuil

Diretor de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais

Renato Coelho Baumann das Neves

Chefe de Gabinete

Bernardo Abreu de Medeiros

Assessor-chefe de Imprensa e Comunicação

João Cláudio Garcia Rodrigues Lima

Ouvidoria: <http://www.ipea.gov.br/ouvidoria>

URL: <http://www.ipea.gov.br>

Texto para Discussão

Publicação cujo objetivo é divulgar resultados de estudos direta ou indiretamente desenvolvidos pelo Ipea, os quais, por sua relevância, levam informações para profissionais especializados e estabelecem um espaço para sugestões.

© Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – **ipea** 2014

Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.- Brasília : Rio de Janeiro : Ipea , 1990-

ISSN 1415-4765

1. Brasil. 2. Aspectos Econômicos. 3. Aspectos Sociais.
I. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

CDD 330.908

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade do(s) autor(es), não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

JEL: J64; J60.

SUMÁRIO

SINOPSE

ABSTRACT

1 INTRODUÇÃO	7
2 DADOS	9
3 MÉTODO EMPÍRICO	12
4 UMA ANÁLISE DESCRITIVA DA DURAÇÃO DO DESEMPREGO	15
5 OS DETERMINANTES DA DURAÇÃO DO DESEMPREGO	22
6 CONCLUSÕES	31
REFERÊNCIAS	32

SINOPSE

Este estudo analisa o processo de transição dos jovens do desemprego para o primeiro emprego. Os resultados mostram que jovens sem experiência no mercado de trabalho têm probabilidades mais baixas de saírem do desemprego, mesmo quando comparados com indivíduos na mesma faixa etária que já tiveram trabalho anteriormente. Os resultados também mostram que esta dificuldade relativa dos jovens em busca do primeiro emprego é ainda mais acentuada para empregos considerados de melhor qualidade. Nota-se, porém, que jovens e adultos com alguma experiência prévia no mercado de trabalho apresentam probabilidades semelhantes de transição do desemprego para o emprego.

Palavras-chave: primeiro emprego; duração do desemprego.

ABSTRACT

This paper investigates Young workers transition from unemployment to first job. Evidence indicates that the probability of getting a job is lower for youths who have never worked before, even when they are compared to those youths with previous labor market experience. Also, time to first job is usually longer considering full-time jobs as well as those in the formal sector. However, estimates show that unemployed youths and adults with previous labor market experience have similar probabilities of getting a job.

Keywords: first job; unemployment duration.

1 INTRODUÇÃO

A taxa de desemprego entre os jovens é geralmente bem maior do que a verificada para o total da população economicamente ativa.¹ No caso específico do Brasil, a situação dos jovens não é diferente. Considerando o período de janeiro de 2006 até dezembro de 2012, a taxa de desemprego registrada pela PME (Pesquisa Mensal de Emprego) para as seis principais regiões metropolitanas brasileiras é de 7,28%. Enquanto entre os indivíduos na faixa etária de 25 até 65 anos, 5,13% se encontram desempregados, para os jovens com idade entre 15 e 24 anos a taxa de desemprego é de 16,22%.

A taxa de desemprego mais elevada observada entre os jovens pode ser consequência, em parte, da dificuldade enfrentada pelos indivíduos neste grupo que se encontram desempregados para conseguir emprego. Além disso, os jovens também apresentam alta rotatividade, e este fator tem sido normalmente apontado na literatura como o mais relevante para explicar as diferenças nas taxas de desemprego entre grupos etários.² Para um subgrupo específico de jovens, composto pelos que estão tentando ingressar pela primeira vez no mercado de trabalho, entretanto, a duração do desemprego pode desempenhar um papel importante.

O objetivo desse estudo é analisar a duração do desemprego dos jovens no Brasil, entre a entrada no mercado de trabalho e a obtenção do primeiro emprego. Mais especificamente, pretende-se investigar os fatores que influenciam a probabilidade de transição dos jovens do desemprego para o primeiro emprego, procurando identificar as variáveis que reduzem a duração do desemprego experimentada durante este processo. Além disso, pretende-se estimar como a probabilidade de saída do desemprego depende da própria duração do desemprego dos jovens, e comparar o comportamento deste grupo com o apresentado por trabalhadores com experiência prévia no mercado de trabalho.

1. Ver, por exemplo, O'Higgins (2010) para uma comparação entre diversos países.

2. Como mostra a decomposição da taxa de desemprego apresentada por Marston (1976), um grupo pode apresentar uma taxa elevada pela dificuldade para obter emprego dos indivíduos neste grupo que se encontram desempregados, pela dificuldade dos integrantes deste grupo permanecerem empregados, ou por entradas e saídas constantes da força de trabalho. De acordo com Layard, Nickel e Jackman (1991), as taxas mais elevadas de desemprego para os jovens na Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) se devem ao fato deste grupo ser mais propenso a ficar desempregado. Resultados semelhantes para o Brasil são apresentados por Flori (2005).

Os jovens podem não apenas passar por um período longo de desemprego até a obtenção de um trabalho, como este emprego pode apresentar características específicas, associadas a certo grau de precariedade do posto de trabalho.³ A saída da condição de desempregado pode envolver a transição dos jovens para diversos destinos possíveis, para um emprego no setor informal da economia, ou para um trabalho temporário, ou em tempo parcial, por exemplo.⁴ Também faz parte dos objetivos do estudo, portanto, analisar quais os fatores influenciam as probabilidades de transição do desemprego para cada um destes destinos.

Evidências para o Brasil relacionadas à transição dos jovens para o primeiro emprego são escassas, embora alguns estudos indiquem que este grupo tenha um comportamento diferente dos demais desempregados. Menezes-Filho e Pichetti (2000), analisando os determinantes da duração do desemprego na região metropolitana de São Paulo, mostram que o fato do indivíduo nunca ter trabalhado anteriormente reduz significativamente a probabilidade de conseguir emprego. Como a maior parte dos trabalhadores nesta situação são jovens, este resultado pode estar refletindo, pelo menos em parte, a dificuldade para se obter o primeiro emprego. Monte, Araújo e Lima. (2007) analisam transições do desemprego para o emprego, comparando indivíduos que procuram o reemprego com aqueles em busca do primeiro emprego. Os resultados, obtidos a partir do estimador de Kaplan-Meier, mostram que as probabilidades de permanência no desemprego após os períodos de 12 e 24 meses são maiores para o grupo procurando o primeiro emprego.

A análise empírica adotada nesse artigo é baseada na estimação de modelos de duração usando os dados da PME (Pesquisa Mensal de Emprego). Os resultados encontrados mostram que jovens sem experiência no mercado de trabalho têm probabilidades mais baixas de saírem do desemprego, mesmo em relação a indivíduos na mesma faixa etária que já tiveram trabalho anteriormente. Esta dificuldade dos jovens em busca do primeiro emprego é ainda maior para os trabalhos no setor formal, com contrato

3. Farber (1997) apresenta evidências de que trabalhadores que perdem o emprego nos Estados Unidos são mais propensos a se reempregarem em trabalhos com arranjos alternativos, que envolvem emprego temporário, trabalho em tempo parcial ou como conta própria. Farber (1997) mostra também que estes empregos normalmente representam um processo de transição para empregos convencionais em um período seguinte. É possível que os jovens que entram no mercado de trabalho experimentem um processo semelhante.

4. É possível até que o emprego tenha essas três características simultaneamente.

por tempo indeterminado e em tempo integral. Não se notam, porém, diferenças entre jovens e adultos que já trabalharam anteriormente.

O artigo está estruturado em cinco seções, além dessa introdução. Na seção 2, são descritos os dados da PME, utilizados na análise empírica. A seção 3 apresenta a abordagem empírica, e a seção 4 mostra uma análise descritiva relacionando transições do desemprego para o emprego. Na seção 5, são apresentados e comentados os resultados estimados para os determinantes da transição do desemprego para o emprego, assim como de transições que consideram múltiplos destinos de saída do desemprego. A seção 6 resume as principais conclusões do artigo.

2 DADOS

Na análise empírica, são utilizados dados da PME (Pesquisa Mensal de Emprego), que é calculada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) para o período de janeiro de 2006 até dezembro de 2012. A PME é representativa das seis principais regiões metropolitanas brasileiras (Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo). Usando a estrutura longitudinal da PME, é possível computar saídas dos desempregados desta condição para a de ocupado três meses depois.

Cada domicílio selecionado para fazer parte da PME deve ser entrevistado oito vezes durante um período de dezesseis meses, caso não exista atrito. Em cada entrevista, são coletadas informações sobre todos os moradores do domicílio com 10 anos ou mais. O grupo de interesse neste estudo é representado por jovens desempregados que nunca tiveram emprego anteriormente. Portanto, é selecionada uma amostra de jovens com idade entre 15 e 24 anos no período da primeira entrevista da PME, que declararam nunca terem trabalhado antes.

Para indivíduos que nunca trabalharam, a duração do desemprego pode ser calculada pelo tempo de procura por trabalho. Nos períodos posteriores à primeira entrevista, podem ser observadas transições de parte destes indivíduos para a condição de empregados. São incluídos na amostra os indivíduos que três meses após a primeira entrevista permaneceram desempregados ou transitaram para a condição de empregados. Usando este critério, são selecionados 2.420 jovens desempregados que nunca trabalharam antes.

As trajetórias dos jovens que nunca trabalharam são comparadas com as de dois outros grupos, representados por jovens na mesma faixa de idade, entre 15 e 24 anos, mas que já trabalharam anteriormente, e por indivíduos com idade entre 25 e 60 anos, que também já tiveram trabalho. Para estes dois grupos, a duração do desemprego é construída a partir do tempo de procura por emprego, sem considerar que para parte dos indivíduos o tempo sem emprego pode ser mais curto. Isto é feito para manter a comparabilidade com a amostra de jovens que nunca trabalharam.⁵ A amostra de jovens que já trabalharam tem 4.803 observações, enquanto a terceira amostra, de adultos, é composta de 9.462 observações.

Além das transições do desemprego para o emprego, também são analisadas situações que consideram as características do emprego de destino, caso o indivíduo consiga se empregar. Três diferentes critérios são usados para classificar o tipo de emprego. Primeiro, os empregos são classificados entre formais e informais. São definidos como formais os trabalhadores com carteira, os funcionários públicos, os empregadores e os trabalhadores por conta própria que contribuem para a previdência. Empregados sem carteira e trabalhadores por conta própria que não contribuem para a previdência são classificados como informais. Em seguida, os empregos são classificados entre aqueles com contrato por tempo indeterminado e os temporários, com prazo determinado. Finalmente, os empregos são divididos entre aqueles em tempo integral, definidos neste artigo como empregos com trinta horas ou mais habitualmente trabalhadas na semana, e os empregos em tempo parcial, que compreendem as situações em que o número de horas habitualmente trabalhadas na semana é inferior a trinta.

A tabela 1 apresenta algumas estatísticas descritivas para as amostra de jovens (com idade entre 15 e 24 anos) a procura do primeiro emprego, de jovens desempregados que já trabalharam, e de adultos (definidos aqui como indivíduos com idade entre 25 e 60 anos). Nota-se que os jovens procurando o primeiro emprego representam 14,1% do total de desempregados que fazem parte da amostra, enquanto os jovens que já trabalharam têm uma participação de 29,1% nesse total. A participação conjunta destes dois grupos de jovens, portanto, corresponde a quase metade do total de desempregados na amostra.⁶

5. Essa definição de tempo de desemprego é a mesma utilizada por Menezes-Filho e Pichetti (2000).

6. Levando-se em conta que a participação dos adultos que nunca trabalharam é pequena, os dados na tabela 1 indicam que os jovens representam uma parcela substancial dos desempregados no Brasil.

TABELA 1
Estatísticas descritivas

	Jovens com idade entre 15 e 24 anos que nunca trabalharam	Jovens com idade entre 15 e 24 anos que já trabalharam	Pessoas com idade entre 25 e 60 anos que já trabalharam
Média de escolaridade (em anos)	9,95	9,90	9,37
Média de idade (em anos)	19,15	20,77	36,13
Mulheres (%)	56,37	50,00	53,56
Negros (%)	54,83	52,65	51,66
Indivíduos desempregados há mais de 12 meses em t=1 (%).	12,68	6,63	12,05
Encontraram emprego em t=4 (%)	28,85	39,37	41,35
<i>Encontraram emprego formal em t=4 (%)</i>	11,62	17,70	17,95
<i>Emprego com contrato indeterminado em t=4 (%)</i>	21,58	31,32	29,34
<i>Ocupado com 30 horas trabalhadas ou mais em t=4 (%)</i>	21,93	33,53	34,72
Observações	2.420	4.803	9.462
Participação na amostra (%)	14,12	29,11	56,77

Fonte: IBGE (2012).

Obs.: A amostra inclui trabalhadores desempregados no período da primeira entrevista da PME. O período t=1 representa a primeira entrevista, enquanto o período t=4 representa a quarta entrevista do indivíduo, realizada três meses depois. Todos os valores são calculados considerando o peso de cada observação na amostra.

Os três grupos analisados apresentam níveis de escolaridade semelhantes e relativamente elevados, com médias maiores do que nove anos completos de estudo. A média de idade dos jovens na coluna (1) é 19 anos, cerca de dois anos a menos do que a média de idade na coluna (2). A média de idade de 36 anos na coluna (3) é resultante de uma concentração dos desempregados entre os mais novos, mesmo neste grupo composto por pessoas com idade entre 25 e 60 anos. As participações das mulheres e dos negros são mais elevadas entre jovens que nunca trabalharam do que nos outros dois grupos. Percebe-se também que 12,7% dos jovens que nunca trabalharam estão procurando emprego há mais de doze meses, porcentagem semelhante à de adultos com idade entre 25 e 60 anos. Entre os jovens que já trabalharam anteriormente, apenas 6,6% estão desempregados há mais de doze meses, quase a metade da porcentagem registrada para os dois outros grupos.

Entre a primeira e a quarta entrevistas da PME, 29% dos jovens desempregados que nunca trabalharam encontraram um emprego. Esta porcentagem é muito inferior quando comparada aos valores registrados para os outros dois grupos. Entre os jovens que já trabalharam 39% conseguiram emprego, enquanto entre os adultos 41% conseguiram se empregar durante este mesmo período de três meses. Quando se consideram

as características dos empregos obtidos pelos indivíduos em cada um destes grupos, as diferenças também são acentuadas. Apenas 12% dos jovens em busca do primeiro emprego conseguiram se ocupar no setor formal, ou seja, entre os que conseguiram emprego, quase dois terços foram para o setor informal. Para os dois outros grupos considerados, 18% dos desempregados obtiveram um emprego formal no período de três meses.

A tabela 1 mostra também que 22% dos jovens na coluna (1) transitaram para empregos com prazo indeterminado, mesma porcentagem dos que conseguiram empregos com pelo menos trinta horas de trabalho na semana. Entre os jovens que já trabalharam, assim como entre os adultos, transições para empregos com estas características são bem mais frequentes. Cerca de 30% dos desempregos nestes dois últimos grupos transitaram para empregos com contrato por prazo indeterminado, enquanto em torno de 34% conseguiram empregos com trinta horas de trabalho ou mais.

3 MÉTODO EMPÍRICO

A análise empírica utilizada neste artigo é baseada na estimação de modelos de duração com os dados em painel da PME. Primeiramente, as transições do desemprego para o emprego são descritas através do estimador não paramétrico de Kaplan-Meier, apresentado a seguir. Para isto, definimos a função de risco, que fornece a probabilidade instantânea de o indivíduo deixar o desemprego em um dado período t , dado que permaneceu desempregado até t . Esta função de risco pode ser escrita da seguinte forma:

$$h(t) = \lim_{\Delta t \rightarrow 0} \frac{P(t \leq T < t + \Delta t / T \geq t)}{\Delta t} = \frac{f(t)}{1 - F(t)} \quad (1)$$

Onde $F(t)$ é a função distribuição acumulada de T , e $f(t)$ é a função densidade de probabilidade. A função sobrevivência, representada por $S(t)$, onde $S(t) = 1 - F(t)$, oferece a probabilidade de que a duração do desemprego seja maior ou igual a t .

A função sobrevivência em cada período t_m , onde $m=1, \dots, M$, pode ser representada por:

$$S(t_m) = P(T > t_m) = \prod_{r=1}^m P(T > t_r / T > t_{r-1}) \quad (2)$$

O estimador de Kaplan-Meier para a função sobrevivência procura apresentar a probabilidade de permanência no desemprego em cada instante de tempo da seguinte forma:

$$\hat{S}(t_m) = \prod_{r=1}^m \frac{N_r - E_r}{N_r} \quad m=1, 2, \dots, M. \quad (3)$$

Onde N_r é o número de indivíduos que não saíram do desemprego e nem estavam censurados no período t_{r-1} ; e E_r é o número de indivíduos que transitaram do desemprego para o emprego entre os períodos t_{r-1} e t_r .

Como mencionado acima, transições do desemprego para o emprego podem ser analisadas também levando em consideração o tipo de emprego obtido. Quando as saídas do desemprego envolvem múltiplos destinos, porém, não é adequado utilizar o estimador de Kaplan-Meier, mas a função de incidência acumulada. Para uma situação em que são considerados j possíveis destinos de saída do desemprego, a função de incidência acumulada pode ser representada por:

$$\hat{I}_j(t_m) = \sum_{l=1}^m \hat{S}(t_m) \frac{d_{jm}}{n_m}, \quad m=1, 2, \dots, M-1, \quad (4)$$

onde $\hat{S}(t_m)$ é o estimador de Kaplan-Meier para saídas de todos os tipos; $\frac{d_{jm}}{n_m}$ é um estimador da função de risco para saídas do tipo j , sendo d_{jm} o número de transições do desemprego para o destino j no período t_m ; e n_m é o número de indivíduos em risco no período t_{m-1} .

Para analisar a influências de determinadas covariadas sobre a duração do desemprego, também são utilizados modelos paramétricos e semiparamétricos.

Nestes casos, a função de risco condicionada em variáveis constantes no tempo passa a ser representada por:

$$h(t, x) = \lim_{\Delta t \rightarrow 0} \frac{P(t \leq T < t + \Delta t / T \geq t, x)}{\Delta t} = \frac{f(t, x)}{1 - F(t, x)}, \quad (5)$$

onde x é um vetor de variáveis explicativas referentes à primeira entrevista do indivíduo na PME. São incluídas somente características individuais, como idade, gênero, raça, anos de escolaridade, região metropolitana de residência, além de *dummies* de ano.

Nos modelos paramétricos, diferentes formas funcionais podem ser atribuídas ao tempo de permanência no desemprego. Neste artigo, é utilizada uma função Weibull. Neste caso, a função de risco é dada por:

$$h(t, x_i) = e^{x_i \beta} \alpha t^{\alpha-1} \quad (6)$$

Se $\alpha > 1$ a dependência da duração é positiva, ou seja, a probabilidade de saída do desemprego se torna mais elevada quanto maior o tempo de desemprego do indivíduo. Se $\alpha < 1$ a probabilidade de saída do desemprego diminui com o tempo de desemprego. Na situação em que $\alpha = 1$ a probabilidade de saída do desemprego não depende do tempo de permanência neste estado.⁷

Também são estimados modelos que consideram a presença de heterogeneidade não observada entre os indivíduos. Esta heterogeneidade é introduzida através de um termo multiplicativo. Adotando uma função Weibull para T , a função de risco nesse caso é dada por: $h(t, x_i, \nu_i) = \nu_i e^{x_i \beta} \alpha t^{\alpha-1}$, onde ν_i é um termo com distribuição gaussiana inversa que procura captar a heterogeneidade não observada.

Os resultados também são estimados usando o modelo de Cox de riscos proporcionais (Cox, 1972; 1975). A função de risco neste modelo pode ser definida pela equação abaixo:

$$h(t, x_i) = \kappa(x) \lambda_0(t) \quad (7)$$

7. A função exponencial é um caso especial da Weibull, em que $\alpha = 1$.

Onde $\kappa(x)$ é representada pela função $e^{x_i\beta}$, e $\lambda_0(t)$ é a função de risco base, que é estimada de forma não paramétrica.

Para considerar múltiplos destinos de saída do desemprego, são estimados também modelos de riscos competitivos independentes. Três diferentes situações são consideradas neste artigo. Na primeira, indivíduos inicialmente desempregados podem permanecer desempregados no período seguinte, transitar para um emprego formal, ou para um emprego informal. Na segunda situação, são considerados outros dois destinos possíveis de saída do desemprego: empregos temporários ou por prazo indeterminado. Finalmente, são consideradas saídas do desemprego para empregos em tempo integral ou parcial.

Para analisar estas situações, a função de risco para o modelo paramétrico passa a ser representada por:

$$h_j(t, x_i) = \alpha_j \lambda_{ji}^\alpha t^{\alpha-1}, \text{ onde } \lambda_{ji} = e^{x_i \beta_j}, j=1,2. \quad (8)$$

Na equação (8), o subscrito j representa os destinos de saída do desemprego. Para o modelo semiparamétrico, a função de risco no caso de múltiplos destinos pode ser escrita como:

$$h_j(t, x_i) = h_{j0}(t) \phi(x_i, \beta_j) \quad (9)$$

Os resultados obtidos a partir do estimador de Kaplan-Meier e da função de incidência acumulada são mostrados na seção 4. Os resultados estimados usando os modelos paramétricos e semiparamétricos são apresentados na seção 5.

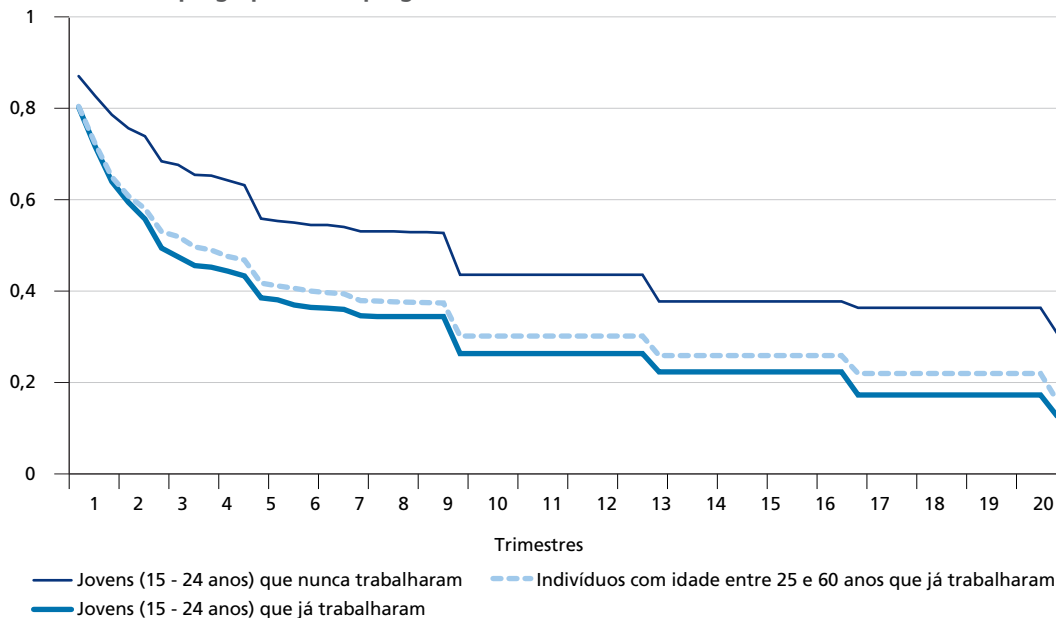
4 UMA ANÁLISE DESCRITIVA DA DURAÇÃO DO DESEMPREGO

Nesta seção, são apresentados os resultados obtidos a partir do estimador não paramétrico de Kaplan-Meier para transições entre o desemprego e o emprego, assim como para a função de incidência acumulada, que considera múltiplos destinos de saída do desemprego. No gráfico 1, nota-se que a probabilidade de continuar desempregado após um determinado período de tempo é sempre maior para os jovens que nunca

trabalharam anteriormente do que para os outros dois grupos reportados. Após quatro trimestres, por exemplo, a probabilidade de um jovem que nunca trabalhou ainda permanecer desempregado é de 64%, enquanto para os jovens na mesma faixa etária (de 15 até 24 anos) que já tiveram trabalho anteriormente esta probabilidade é estimada em 44%. Para a amostra de indivíduos com idade 25 e 60 anos que já trabalharam, a probabilidade de permanência no desemprego após quatro trimestres é estimada em 47%. Considerando um período de vinte trimestres, a probabilidade estimada de jovens em busca do primeiro emprego ainda se encontrarem desempregados é de 34%. Para os outros dois grupos analisados esta probabilidade varia entre 12% e 16%.

GRÁFICO 1

Estimador de Kaplan-Meier para a probabilidade de permanência no desemprego: saídas do desemprego para o emprego



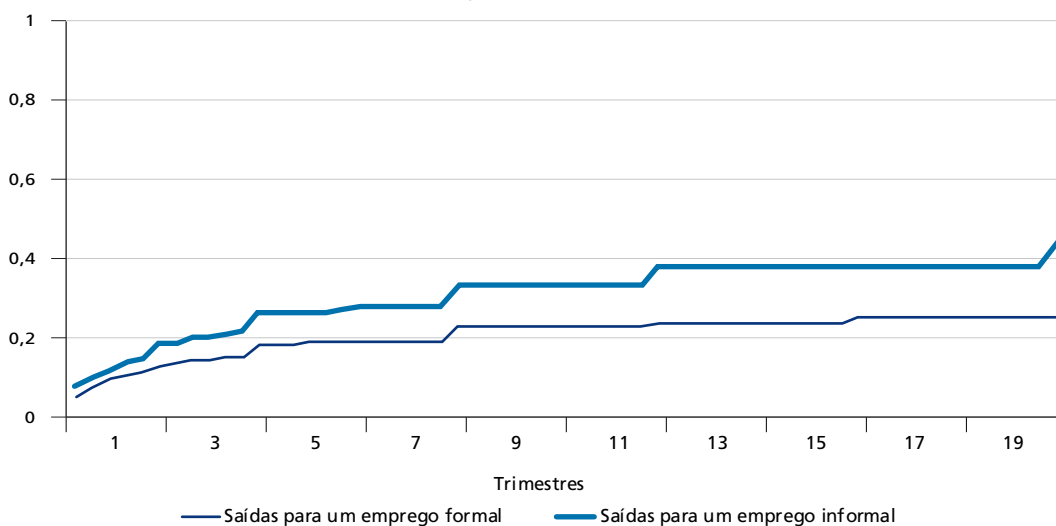
Elaboração do autor.

O gráfico 2 mostra os resultados estimados para a função de incidência acumulada considerando transições do desemprego para o emprego formal e para o emprego informal. Nota-se que para os três grupos analisados as probabilidades de deixar o desemprego para um emprego informal são maiores do que as probabilidades de saída para um emprego formal. A maior diferença, porém, é verificada entre os jovens que nunca trabalharam. Após quatro trimestres, a probabilidade de transição para um emprego informal é estimada em 21% neste grupo, o que corresponde a seis pontos

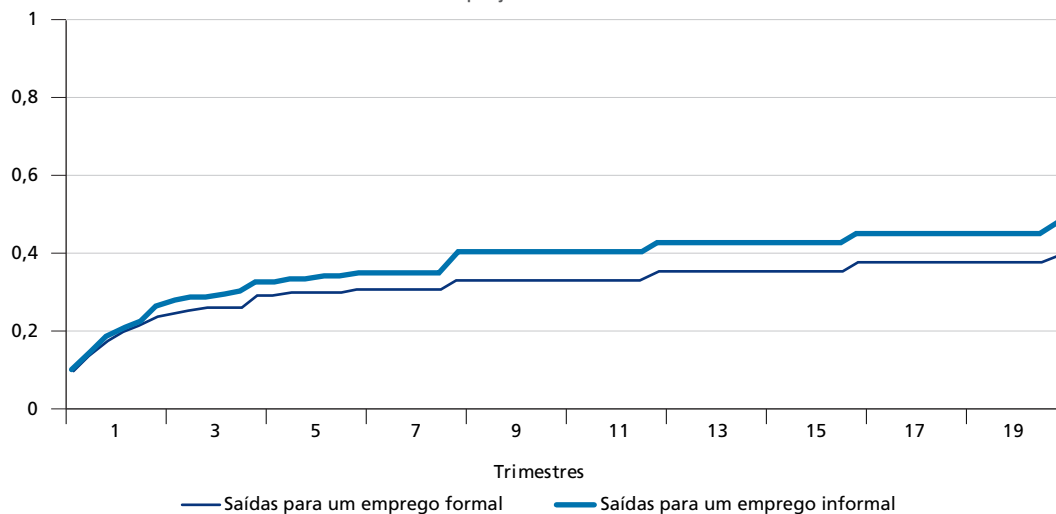
percentuais a mais que a probabilidade de saída para um emprego formal. Entre os jovens que já trabalharam, a probabilidade de transição para a informalidade após quatro trimestres é estimada em 30%, e a probabilidade de transição para um emprego formal é estimada em 26%. Para os indivíduos com idade entre 25 e 60 anos, as probabilidades estimadas de transição para empregos informais e formais são estimadas em 28% e 25%, respectivamente.

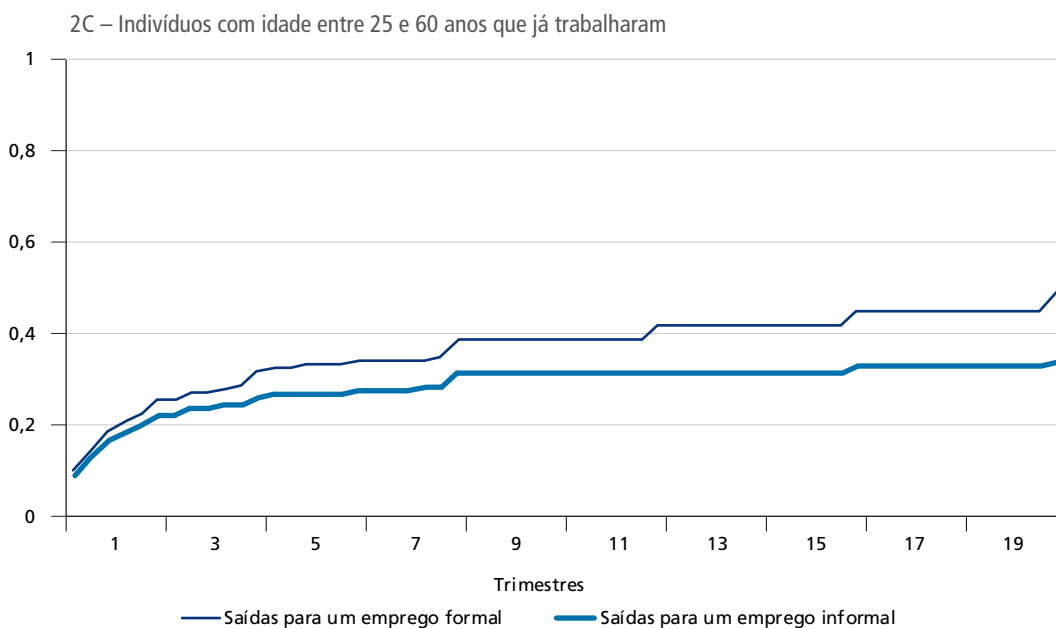
GRÁFICO 2

Função de incidência acumulada: transições do desemprego para empregos formais e informais
2A – Jovens com idade entre 15 e 24 anos que nunca trabalharam



2B – Jovens com idade entre 15 e 24 anos que já trabalharam



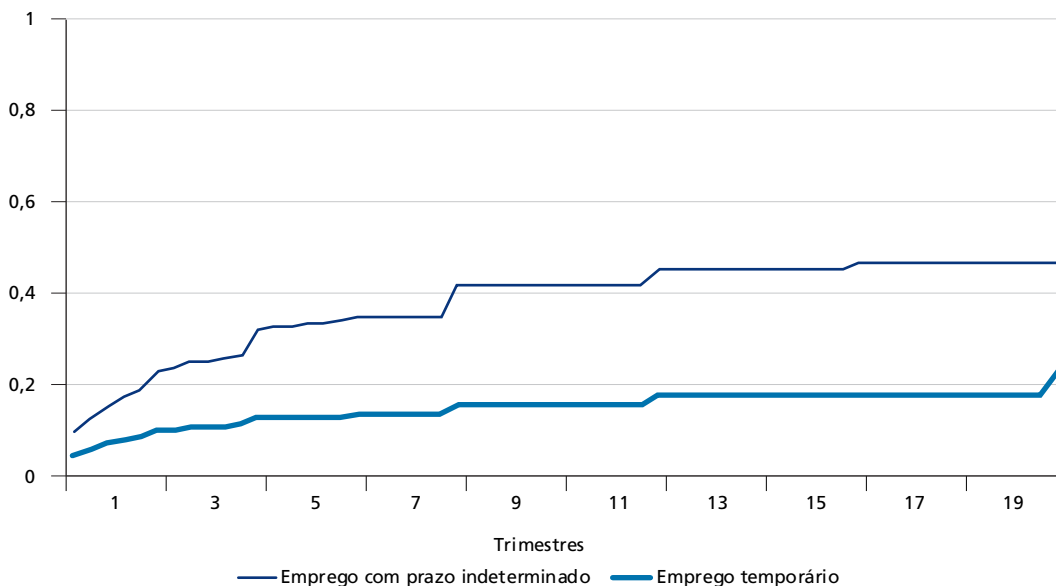


De acordo com os resultados reportados no gráfico 3, jovens que nunca trabalharam anteriormente apresentam probabilidades de transição para empregos com contrato por prazo determinado semelhantes as dos dois outros grupos de trabalhadores analisados. As probabilidades de saída do desemprego para um emprego por tempo indeterminado, no entanto, são bem mais baixas para os jovens procurando o primeiro emprego. Para este grupo, a probabilidade estimada de saída do desemprego para um emprego com contrato por prazo indeterminado após quatro trimestres é estimada em 26%. Para os jovens e os adultos que já tiveram emprego antes, estas probabilidades são estimadas em 44% e 38%, respectivamente.

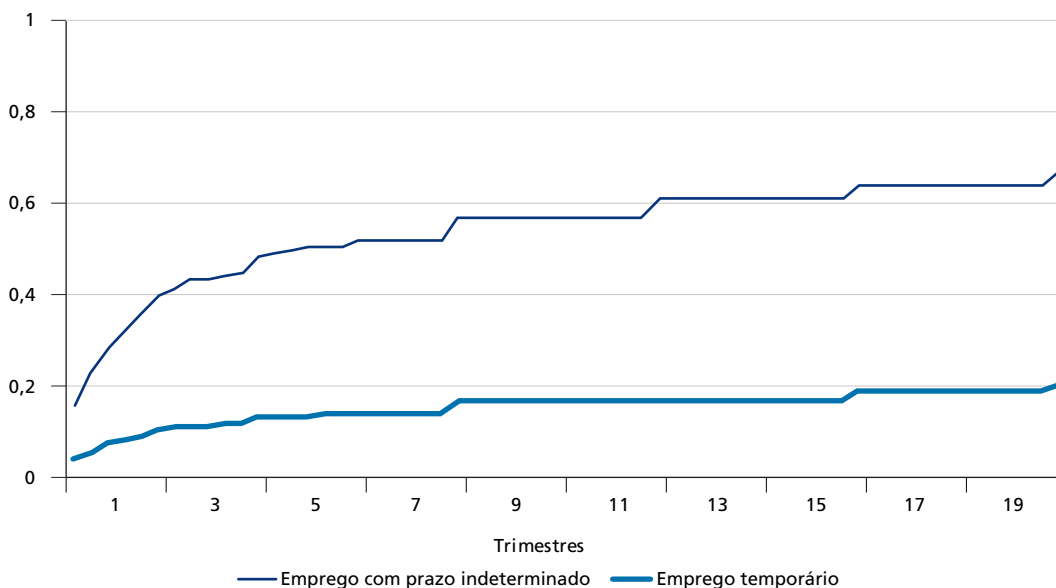
GRÁFICO 3

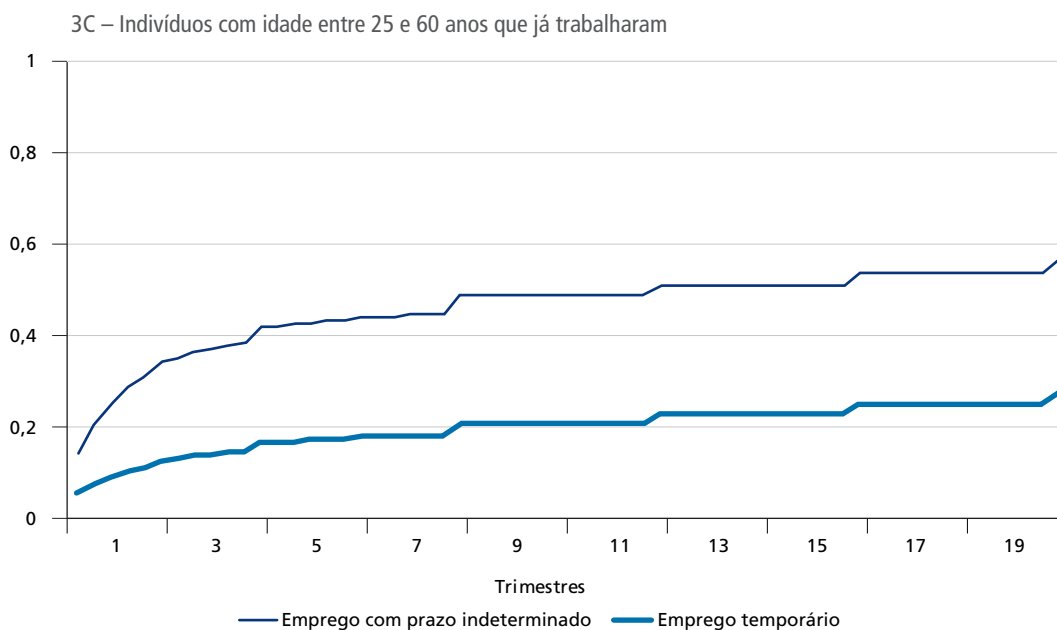
Função de incidência acumulada: transições do desemprego para empregos por prazo indeterminado ou temporários

3A – Jovens com idade entre 15 e 24 anos que nunca trabalharam



3B – Jovens com idade entre 15 e 24 anos que já trabalharam



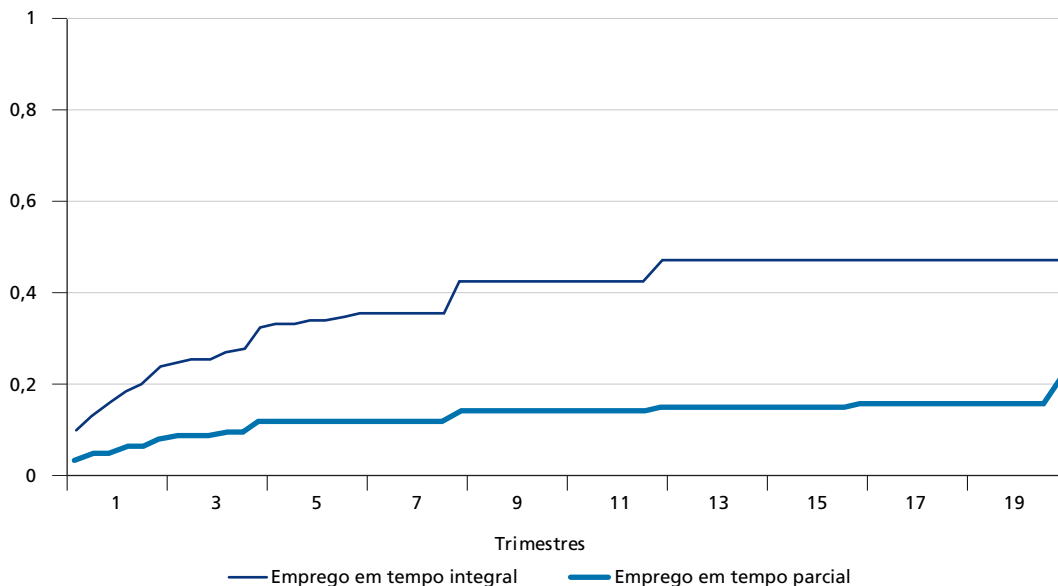


No gráfico 4, são consideradas transições do desemprego para empregos em tempo integral (com trinta horas habitualmente trabalhadas ou mais) ou parcial (com menos de trinta horas). As probabilidades de saída para empregos em tempo parcial são até mais intensas entre os jovens em busca do primeiro emprego que para os demais grupos. Quando são consideradas transições para empregos em tempo integral, porém, nota-se que os grupos que compreendem indivíduos que já tiveram emprego anteriormente apresentam probabilidades próximas de 50% de deixarem o desemprego para este estado após quatro trimestres. Para os jovens que nunca trabalharam, esta probabilidade, considerando o mesmo período, é estimada em 26%.

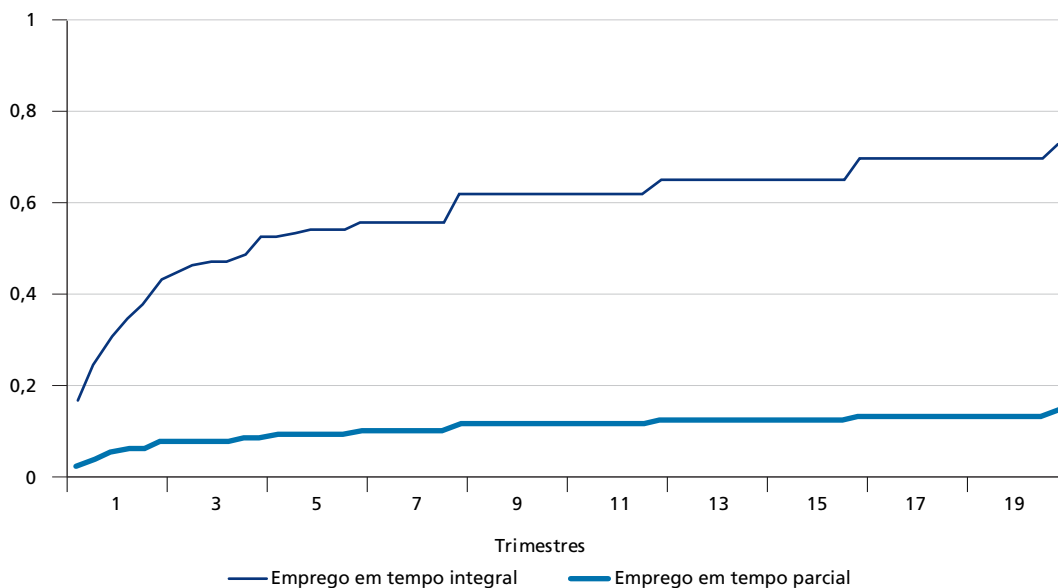
GRÁFICO 4

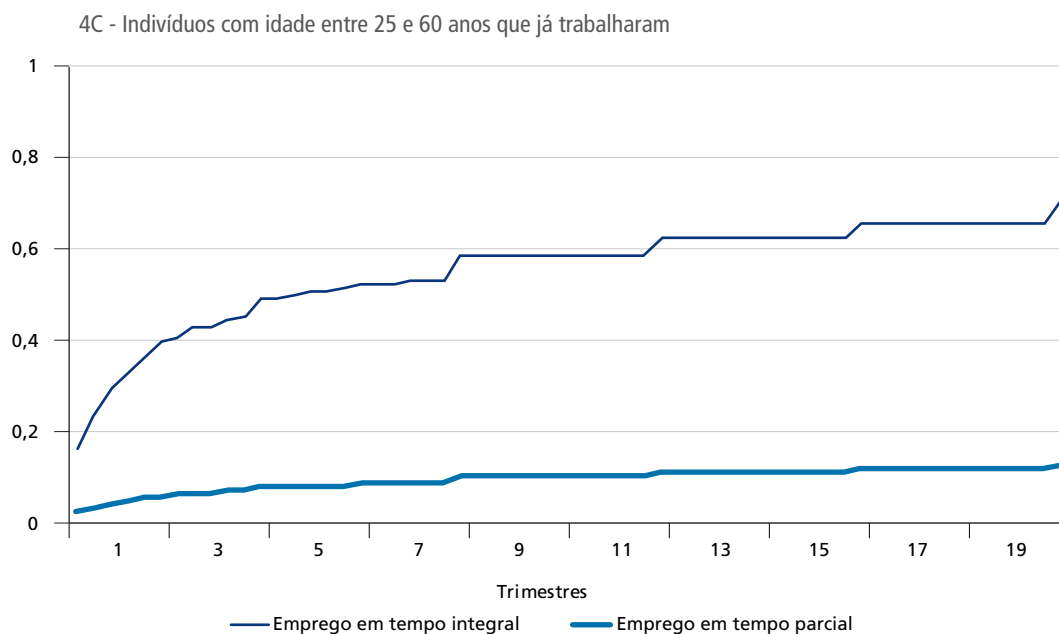
Função de incidência acumulada: transições do desemprego para empregos em tempo integral e parcial

4A – Jovens com idade entre 15 e 24 anos que nunca trabalharam



4B – Jovens com idade entre 15 e 24 anos que já trabalharam





Resumindo, os resultados apresentados nessa seção mostram que a probabilidade de transição do desemprego para o emprego é mais baixa para os jovens que nunca trabalharam anteriormente. Para as saídas do desemprego envolvendo como destinos empregos classificados como de pior qualidade, os jovens que nunca trabalharam antes apresentam comportamentos semelhantes aos de grupos que tiveram alguma passagem pelo mercado de trabalho. Considerando transições do desemprego para empregos tidos como de melhor qualidade, entretanto, as probabilidades de saída do desemprego para estes destinos são mais baixas para os jovens procurando o primeiro emprego.

5 OS DETERMINANTES DA DURAÇÃO DO DESEMPREGO

5.1 Transições do desemprego para o emprego

A tabela 2 mostra os resultados estimados para transições do desemprego para o emprego usando o modelo paramétrico com função Weibull, com e sem o termo para heterogeneidade não observada, e o modelo semiparamétrico de Cox. As regressões são estimadas utilizando a amostra completa e incluem *dummies* para os jovens e as pessoas com idade entre 25 e 60 anos que tiveram trabalho anteriormente, enquanto o

grupo de referência é representado por jovens com idade entre 15 e 24 anos que nunca tiveram trabalho antes da primeira entrevista da PME.

TABELA 2
Resultados estimados para transições do desemprego para o emprego

Variável	Weilbull		Cox
	Sem heterogeneidade	Com heterogeneidade	-
	(1)	(2)	(3)
Indivíduo com idade entre 25 e 60 anos	0,529 (0.053)	0,797 (0.076)	0,438 (0.044)
Jovem (15-24 anos) que já trabalhou	0,496 (0.045)	0,75 (0.064)	0,397 (0.038)
Idade	-0,011 (0.002)	-0,013 (0.003)	-0,005 (0.002)
Mulher	-0,28 (0.027)	-0,427 (0.038)	-0,25 (0.021)
Negro	0,044 (0.031)	0,039 (0.043)	0,03 (0.024)
Escolaridade	-0,019 (0.004)	-0,029 (0.006)	-0,018 (0.003)
Parâmetro α	0,882 0,007	1,391 0,0108	-
Parâmetro σ -quadrado		4,592 (0.129)	
Observações	16.668	16.668	16.668

Obs.: os erros-padrão são apresentados entre parênteses. Todas as regressões incluem *dummies* para as regiões metropolitanas e para os anos.

Em todas as colunas da tabela 2, nota-se que a probabilidade estimada de transição para o emprego é sempre maior para indivíduos que já trabalharam anteriormente que para os jovens procurando o primeiro emprego. Na coluna (1), os adultos apresentam um risco de saída do desemprego para o emprego 70% maior que os jovens que nunca trabalharam. Entre os jovens, o fato de já ter trabalhado anteriormente aumenta em 64% o risco de saída do desemprego, de acordo com a coluna (1). Considerando a heterogeneidade não observada na coluna (2), as diferenças estimadas em relação ao grupo de referência, composto por jovens em busca do primeiro emprego, são ainda mais acentuadas.

Percebe-se também que a probabilidade de transição do desemprego para o emprego é menor para as mulheres, e também diminui com a idade e com a escolaridade. A *dummy* indicando que o indivíduo é negro não se mostra estatisticamente significativa em nenhum desses três modelos. Na coluna (1), a dependência da duração é negativa, mas considerando a heterogeneidade não observada, na coluna (2), a dependência da duração passa a ser positiva. De acordo com este último resultado, quanto maior o tempo de desemprego, maior a probabilidade de transição para o emprego.

TABELA 3
Resultados estimados para transições do desemprego para o emprego (Weibull)

Variável	Sem heterogeneidade			Com heterogeneidade		
	Jovens (15-24 anos) que nunca trabalharam	Jovens (15-24 anos) que já trabalharam	Adultos (25-60 anos) que já trabalharam	Jovens (15-24 anos) que nunca trabalharam	Jovens (15-24 anos) que já trabalharam	Adultos (25-60 anos) que já trabalharam
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
Idade	-0,087 (0.020)	-0,029 (0.012)	-0,009 (0.002)	-0,121 (0.030)	-0,034 (0.016)	-0,012 (0.003)
Mulher	-0,185 (0.078)	-0,192 (0.051)	-0,342 (0.035)	-0,295 (0.113)	-0,297 (0.070)	-0,521 (0.049)
Negro	-0,030 (0.087)	-0,030 (0.056)	0,096 (0.040)	-0,060 (0.124)	-0,063 (0.078)	0,114 (0.056)
Escolaridade	0,040 (0.022)	-0,011 (0.011)	-0,020 (0.005)	0,050 (0.030)	-0,017 (0.015)	-0,031 (0.007)
Constante					-	-
Parâmetro α	0,919 0,019	0,954 0,013	0,852 0,008	1,434 0,036	1,506 0,021	1,348 0,013
Parâmetro s_2				6,197 (0.858)	4,487 (0.211)	4,451 (0.158)
Observações	2.416	4.802	9.450	2.416	4.802	9.450

Obs.: os erros-padrão são apresentados entre parênteses. Todas as regressões incluem *dummies* para as regiões metropolitanas e para os anos.

Na tabela 3, as probabilidades de transição do desemprego para o emprego são estimadas usando um modelo paramétrico, separadamente para três diferentes amostras: *i*) de jovens que nunca trabalharam; *ii*) de jovens que já trabalharam; e *iii*) de adultos que tiveram trabalho anteriormente. Com exceção da escolaridade e da *dummy* para indivíduos classificados como negros, as demais variáveis apresentam

resultados, para cada um dos grupos, semelhantes aos obtidos com a amostra completa na tabela 2. A *dummy negro* é positiva e significativa apenas para os adultos, nas colunas (3) e (6). Já com relação a variável *escolaridade*, os coeficientes estimados são positivos para jovens que nunca trabalharam, nas colunas (1) e (4), enquanto para os adultos a probabilidade de saída do desemprego diminui com os anos de estudo. Para os três grupos considerados na tabela 3, a dependência da duração é negativa quando os modelos não consideram a heterogeneidade não observada. Incluindo o termo para captar esta heterogeneidade, a dependência da duração passa a ser positiva, como mostram os resultados nas colunas (4), (5) e (6).

Na tabela 4, são mostradas as evidências a partir da estimação de um o modelo de Cox. De maneira geral, os resultados encontrados são semelhantes aos apresentados na tabela 3. Para os jovens procurando o primeiro emprego, por exemplo, a probabilidade de saída do desemprego diminui com a idade, e também é menor para as mulheres em relação aos homens. Ainda para este grupo, a probabilidade de transitar do desemprego para o emprego aumenta com a escolaridade, enquanto o efeito estimado para esta mesma variável é negativo para os adultos, sendo não significativo para os jovens que já trabalharam anteriormente.

TABELA 4
Resultados estimados para transições do desemprego para o emprego (Cox)

Variável	Jovens (15-24 anos) que nunca trabalharam	Jovens (15-24 anos) que já trabalharam	Adultos (25-60 anos) que já trabalharam
	(1)	(2)	(3)
Idade	-0,047 (0.018)	-0,007 (0.009)	-0,005 (0.002)
Mulher	-0,175 (0.067)	-0,162 (0.040)	-0,308 (0.028)
Negro	-0,026 (0.074)	-0,019 (0.044)	0,067 (0.032)
Escolaridade	0,028 (0.018)	-0,012 (0.008)	-0,021 (0.004)
Observações	2.416	4.802	9.450

Obs.: Notas: os erros-padrão são apresentados entre parênteses. Todas as regressões incluem *dummies* para as regiões metropolitanas e para os anos.

5.2 Transições do desemprego para empregos formais e informais

A tabela 5 mostra os resultados estimados usando o modelo de riscos competitivos com função Weibull e um termo para heterogeneidade não observada, que considera transições do desemprego para empregos formais e informais. Nas duas primeiras colunas desta tabela, são reportados os resultados estimados com a amostra completa. Nas demais colunas, de (3) até (8), são mostrados os resultados estimados separadamente para cada um dos três grupos de trabalhadores definidos neste artigo.

Nota-se nas colunas (1) e (2) que as probabilidades de transição do desemprego para o emprego formal, assim como para o emprego informal, são maiores para indivíduos que já tiveram alguma experiência no mercado de trabalho. Além disso, as diferenças referentes à probabilidade de saída do desemprego entre estes grupos que já trabalharam anteriormente e os jovens procurando o primeiro emprego são mais acentuadas no caso de transições para um emprego formal. Em quase todas as equações, os coeficientes encontrados para as variáveis *idade* e *mulher* são negativos e significativos, enquanto os coeficientes obtidos para a variável *negro* são não significativos em todos os casos reportados.

TABELA 5
Resultados estimados para transições do desemprego para empregos nos setores formal e informal
 (Modelo Weibull com heterogeneidade não observada)

Variável	Amostra completa		Jovens (15-24 anos) que nunca trabalharam		Jovens (15-24 anos) que já trabalharam		Adultos (25-60 anos) que já trabalharam	
	Emprego formal	Emprego informal	Emprego formal	Emprego informal	Emprego formal	Emprego informal	Emprego formal	Emprego informal
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)
Indivíduo com idade entre 25 e 60 anos	0,948 (0.109)	0,489 (0.097)						
Jovem (15-24 anos) que já trabalhou	0,892 (0.095)	0,604 (0.084)						
Idade	-0,018 (0.004)	-0,004 (0.004)	-0,071 (0.044)	-0,161 (0.039)	-0,010 (0.022)	-0,056 (0.021)	-0,024 (0.004)	-0,002 (0.004)
Mulher	-0,549 (0.054)	-0,352 (0.049)	-0,358 (0.166)	-0,248 (0.149)	-0,282 (0.098)	-0,313 (0.095)	-0,694 (0.071)	-0,392 (0.064)
Negro	0,038 (0.061)	0,051 (0.055)	-0,172 (0.186)	0,024 (0.166)	-0,065 (0.110)	-0,033 (0.104)	0,121 (0.082)	0,113 (0.073)
Escolaridade	0,044 (0.009)	-0,084 (0.008)	0,089 (0.045)	0,028 (0.039)	0,102 (0.022)	-0,099 (0.019)	0,032 (0.011)	-0,077 (0.009)

(Continua)

(Continuação)

Variável	Amostra completa		Jovens (15-24 anos) que nunca trabalharam		Jovens (15-24 anos) que já trabalharam		Adultos (25-60 anos) que já trabalharam	
	Emprego formal	Emprego informal	Emprego formal	Emprego informal	Emprego formal	Emprego informal	Emprego formal	Emprego informal
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)
Parâmetro a	1,36	1,39	1,36	1,48	1,48	1,52	1,33	1,36
	0,01	0,01	0,05	0,05	0,03	0,03	0,02	0,02
Parâmetro s2	8,77	9,00	9,59	13,12	7,96	9,10	8,74	8,56
	0,42	0,33	(2.068)	(2.579)	0,59	0,54	0,56	0,40
Observações	17.129	17.129	2.416	2.416	4.802	4.802	9.450	9.450

Obs.: os erros-padrão são apresentados entre parênteses. Todas as regressões incluem *dummies* para as regiões metropolitanas e para os anos.

Considerando a amostra completa, os resultados indicam que a escolaridade aumenta a probabilidade de transição do desemprego para o emprego formal, e reduz a probabilidade de transição para o emprego informal. Resultados semelhantes são encontrados para os grupos de trabalhadores que já tiveram alguma experiência prévia no mercado de trabalho. Para os jovens em busca do primeiro emprego, porém, os resultados mostram que um nível mais alto de escolaridade aumenta a probabilidade de transição para o emprego formal, mas o coeficiente referente à saída do desemprego para o emprego informal não se mostra significativo. Em todos os modelos estimados na tabela 5 a dependência da duração é positiva, tanto para transições para o setor formal quanto para transições que envolvem o setor informal.

5.3 Transições do desemprego para empregos com contrato por prazo determinado e empregos com prazo indeterminado.

Os resultados estimados para a probabilidade de saída do desemprego considerando como destinos empregos com prazo indeterminado e empregos temporários são mostrados na tabela 6. A coluna (1) indica que indivíduos que já trabalharam têm probabilidades de transição do desemprego para um emprego com contrato por prazo indeterminado bem maiores que os jovens que nunca trabalharam. Para as saídas que têm como destino um emprego temporário, na coluna (2), as probabilidades estimadas para os dois grupos com experiência prévia no mercado de trabalho são maiores do que para os jovens buscando o primeiro emprego, mas as diferenças não são tão acentuadas quanto às observadas na coluna (1).

Os resultados estimados para os anos de escolaridade, usando o total da amostra, indicam que aumentos na escolaridade reduzem as probabilidades de saída tanto para emprego por prazo indeterminado, quanto para empregos temporários. Estes mesmos resultados são observados para os adultos que já trabalharam. Para os jovens que nunca trabalharam, os coeficientes estimados não são significativamente diferentes de zero, enquanto para os jovens que já trabalharam anteriormente a probabilidade de transição para um emprego com contrato por prazo indeterminado diminui com os anos de estudo. Considerando os jovens que nunca trabalharam, nota-se que a idade está associada a probabilidades mais baixas de transição para os dois tipos de emprego, enquanto as mulheres se mostram menos propensas a transitar para empregos com contrato por prazo indeterminado do que os homens. Para os dois destinos de saída do desemprego considerados na tabela 6, os resultados para os três grupos de trabalhadores analisados mostram uma dependência da duração positiva.

TABELA 6

Resultados estimados para transições do desemprego para empregos por prazo indeterminado e empregos temporários

(Modelo Weibull com heterogeneidade não observada).

Variável	Amostra completa		Jovens (15-24 anos) que nunca trabalharam		Jovens (15-24 anos) que já trabalharam		Adultos (25-60 anos) que já trabalharam	
	Prazo indeterminado	Temporário	Prazo indeterminado	Temporário	Prazo indeterminado	Temporário	Prazo indeterminado	Temporário
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)
Indivíduo com idade entre 25 e 60 anos	0,878 (0.086)	0,273 (0.137)						
Jovem (15-24 anos) que já trabalhou	0,880 (0.074)	0,318 (0.124)						
Idade	-0,022 (0.003)	0,018 (0.005)	-0,127 (0.035)	-0,115 (0.054)	-0,043 (0.018)	0,000 (0.034)	-0,024 (0.004)	0,016 (0.005)
Mulher	-0,295 (0.043)	-0,822 (0.070)	-0,317 (0.135)	-0,227 (0.201)	-0,227 (0.078)	-0,551 (0.145)	-0,302 (0.057)	-1,069 (0.090)
Negro	0,047 (0.049)	0,013 (0.079)	-0,137 (0.149)	0,129 (0.221)	-0,023 (0.086)	-0,219 (0.161)	0,121 (0.066)	0,082 (0.100)
Escolaridade	-0,033 (0.007)	-0,022 (0.011)	0,058 (0.036)	0,038 (0.055)	-0,035 (0.016)	0,049 (0.033)	-0,031 (0.008)	-0,028 (0.012)
Parâmetro α	1,372 (0.012)	1,404 (0.020)	1,477 (0.048)	1,359 (0.060)	1,501 (0.023)	1,521 (0.040)	1,333 (0.015)	1,389 (0.025)

(Continua)

(Continuação)

Variável	Amostra completa		Jovens (15-24 anos) que nunca trabalharam		Jovens (15-24 anos) que já trabalharam		Adultos (25-60 anos) que já trabalharam	
	Prazo indeterminado	Temporário	Prazo indeterminado	Temporário	Prazo indeterminado	Temporário	Prazo indeterminado	Temporário
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)
Parâmetro σ^2	5,963 (0.197)	19,608 (1.120)	9,802 (1.738)	17,219 (3.967)	5,521 (0.297)	22,448 (2.138)	5,873 (0.246)	17,506 (1.291)
Observações	17.129	17.129	2.416	2.416	4.802	4.802	9.450	9.450

Obs.: os erros-padrão são apresentados entre parênteses. Todas as regressões incluem *dummies* para as regiões metropolitanas e para os anos.

5.4 Transições do desemprego para empregos em tempo integral e em tempo parcial

Na tabela 7, são apresentados os resultados estimados para o modelo de riscos competitivos que considera dois destinos possíveis de saída do desemprego: *i*) um emprego em tempo integral, definido como um emprego com trinta horas ou mais habitualmente trabalhadas; ou *ii*) um emprego em tempo parcial, que é caracterizado neste artigo por menos de trinta horas habitualmente trabalhadas na semana. Percebe-se na coluna (1) que os dois grupos de indivíduos que já trabalharam anteriormente, tanto aqueles com idade entre 25 e 60 anos quanto os jovens com idade entre 15 e 24 anos, apresentam probabilidades mais altas de transitarem para um emprego em tempo integral que os jovens que nunca trabalharam anteriormente. As diferenças estimadas para transições do desemprego para empregos em tempo parcial, entretanto, não são estatisticamente significativas.

TABELA 7

Resultados estimados para transições do desemprego para o emprego em tempo integral e parcial

(Modelo Weibull com heterogeneidade não observada)

Variável	Amostra completa		Jovens (15-24 anos) que nunca trabalharam		Jovens (15-24 anos) que já trabalharam		Adultos (25-60 anos) que já trabalharam	
	Prazo indeterminado	Temporário	Prazo indeterminado	Temporário	Prazo indeterminado	Temporário	Prazo indeterminado	Temporário
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)
Indivíduo com idade entre 25 e 60 anos	0,895 (0.083)	-0,165 (0.166)						
Jovem (15-24 anos) que já trabalhou	0,908 (0.072)	0,007 (0.141)						

(Continua)

(Continuação)

Variável	Amostra completa		Jovens (15-24 anos) que nunca trabalharam		Jovens (15-24 anos) que já trabalharam		Adultos (25-60 anos) que já trabalharam	
	Prazo indeterm.	Temporário	Prazo indeterm.	Temporário	Prazo indeterm.	Temporário	Prazo indeterm.	Temporário
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)
Idade	-0,012 (0.003)	-0,004 (0.007)	-0,071 (0.034)	-0,272 (0.063)	-0,018 (0.017)	-0,111 (0.042)	-0,015 (0.003)	0,003 (0.007)
Mulher	-0,601 (0.041)	0,441 (0.092)	-0,237 (0.131)	-0,425 (0.218)	-0,401 (0.076)	0,352 (0.177)	-0,753 (0.053)	0,793 (0.126)
Negro	0,114 (0.046)	-0,344 (0.100)	0,012 (0.143)	-0,328 (0.241)	-0,002 (0.084)	-0,414 (0.191)	0,195 (0.061)	-0,328 (0.138)
Escolaridade	-0,022 (0.007)	-0,072 (0.015)	0,046 (0.033)	0,086 (0.007)	-0,015 (0.016)	-0,025 (0.038)	-0,023 (0.008)	-0,072 (0.018)
Parâmetro a	1,373 (0.011)	1,401 (0.025)	1,418 (0.042)	1,475 (0.073)	1,493 (0.022)	1,556 (0.057)	1,346 (0.015)	1,360 (0.033)
Parâmetro s2	5,435 (0.167)	29,387 (2.475)	8,538 (1.301)	20,283 (5.118)	5,148 (0.252)	31,211 (5.327)	5,248 (0.206)	29,745 (3.297)
Observações	17.129	17.129	2.416	2.416	4.802	4.802	9.450	9.450

Obs.: os erros-padrão são apresentados entre parênteses. Todas as regressões incluem *dummies* para as regiões metropolitanas e para os anos.

A tabela 7 mostra que algumas variáveis apresentam efeitos bastante distintos dependendo do tipo de transição e do grupo de trabalhadores considerados. Para os dois grupos com alguma experiência prévia no mercado de trabalho, as mulheres apresentam probabilidades mais baixas de transição para um emprego em tempo integral que os homens, mas probabilidades mais elevadas de transição para um emprego em tempo parcial. Entre os jovens que nunca trabalharam, entretanto, as probabilidades estimadas de saída do desemprego para as mulheres são menores nos dois tipos de destino.

Para os adultos que já tiveram trabalho, a escolaridade também apresenta coeficientes negativos para os dois destinos de saída do desemprego. Já para os jovens procurando o primeiro emprego, os resultados mostram que a probabilidade de saída para um emprego em tempo parcial aumenta com a escolaridade, enquanto o coeficiente referente a transições para empregos em tempo integral não se mostra significativamente diferente de zero. Para os três grupos de trabalhadores reportados na tabela 7, as evidências indicam que a probabilidade de transição do desemprego para qualquer um dos dois tipos de emprego aumenta com a duração do desemprego.

6 CONCLUSÕES

Neste artigo, foram analisadas as transições dos jovens do desemprego até o primeiro emprego, usando informações longitudinais da PME. As trajetórias destes jovens foram comparadas com as apresentadas por dois outros grupos, formados por jovens na mesma faixa etária que já tiveram emprego anteriormente, e por indivíduos mais velhos, com idade entre 25 e 60 anos, também com alguma experiência no mercado de trabalho.

Os resultados indicam que jovens em busca do primeiro emprego apresentam probabilidades menores de sair do desemprego que os demais trabalhadores que já tiveram emprego antes. No entanto, a situação dos jovens que já trabalharam anteriormente parece bastante semelhante a dos adultos. Portanto, parece que a dificuldade dos jovens transitarem do desemprego para o emprego está associada particularmente ao primeiro emprego. Uma vez adquirida alguma experiência no mercado de trabalho, indivíduos neste grupo etário não mostram condições necessariamente piores que os trabalhadores mais velhos no que se refere à probabilidade de conseguir emprego.

As evidências também mostram que algumas variáveis influenciam a probabilidade de transição do desemprego para o emprego de uma forma particular para os jovens em busca do primeiro emprego. A escolaridade, por exemplo, é uma variável associada a menores probabilidades de saída do desemprego para os indivíduos com experiência prévia no mercado de trabalho, o que pode estar relacionado com salários de reserva mais elevados para os mais escolarizados. Para os jovens procurando o primeiro emprego, no entanto, a escolaridade é um fator que aumenta a probabilidade de sair do desemprego. Níveis mais elevados de educação, portanto, podem acelerar este processo de transição até o primeiro emprego.

As diferenças nos resultados estimados entre indivíduos com experiência prévia no mercado de trabalho e jovens procurando o primeiro emprego se mostram mais acentuadas para transições que têm como destino empregos considerados de melhor qualidade, como empregos no setor formal, com contratos por tempo indeterminado ou em tempo integral. Já empregos temporários, no setor informal ou em tempo parcial parecem oferecer oportunidades relativamente melhores para os jovens ingressarem pela primeira vez no mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

COX, D. R. Regression models and life tables. **Journal of the Royal Statistical Society**, London, v. 34, n. 2, p. 187-220, 1972.

_____. Partial Likelihood. **Biometrika**, London, v. 62, n. 2, p. 269-276, 1975.

FARBER, H. Alternative employment arrangements as a response to job loss. Cambridge: NBER, 1997. Mimeografado.

FLORI, P. Desemprego dos jovens no Brasil. **Revista da ABET**, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 30-60, 2005.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Mensal de Emprego**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

LAYARD, R.; NICKELL, S.; JACKMAN, R. **Unemployment**: macroeconomic performance and the labour market. Oxford: Oxford University Press, 1991.

MARSTON, S. Employment stability and high unemployment rates. **Brooking Papers on Economic Activity**, Washington, v. 1, p. 169-203, 1976.

MENEZES-FILHO, N. A.; PICHETTI, P. Os determinantes da duração do desemprego em São Paulo. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, abr. 2000.

MONTE, P.; ARAÚJO, T.; LIMA, R. Primeiro emprego e reemprego: análise de inserção ocupacional e duração do desemprego no Brasil metropolitano. **Economia e Desenvolvimento**, Recife, v. 4, n. 1, p. 139-177, 2007.

O’HIGGINS, N. Youth Labour Markets in Europe and Central Asia. Bonn: IZA, 2010. (Discussion Paper, n. 5.094).

EDITORIAL

Coordenação

Cláudio Passos de Oliveira

Supervisão

Everson da Silva Moura

Reginaldo da Silva Domingos

Revisão

Clícia Silveira Rodrigues

Idalina Barbara de Castro

Laetícia Jensen Eble

Leonardo Moreira de Souza

Marcelo Araujo de Sales Aguiar

Marco Aurélio Dias Pires

Olavo Mesquita de Carvalho

Regina Marta de Aguiar

Barbara Pimentel (estagiária)

Jessyka Mendes de Carvalho Vásquez (estagiária)

Karen Aparecida Rosa (estagiária)

Tauânara Monteiro Ribeiro da Silva (estagiária)

Editoração

Bernar José Vieira

Cristiano Ferreira de Araújo

Daniella Silva Nogueira

Danilo Leite de Macedo Tavares

Diego André Souza Santos

Jeovah Herculano Szervinsk Junior

Leonardo Hideki Higa

Capa

Luis Cláudio Cardoso da Silva

Projeto Gráfico

Renato Rodrigues Buenos

The manuscripts in languages other than Portuguese published herein have not been proofread.

Livraria do Ipea

SBS – Quadra 1 - Bloco J - Ed. BNDES, Térreo.

70076-900 – Brasília – DF

Fone: (61) 3315-5336

Correio eletrônico: livraria@ipea.gov.br

Composto em adobe garamond pro 12/16 (texto)
Frutiger 67 bold condensed (títulos, gráficos e tabelas)
Impresso em offset 90g/m² (miolo)
Cartão supremo 250g/m² (capa)
Brasília-DF

Missão do Ipea

Aprimorar as políticas públicas essenciais ao desenvolvimento brasileiro por meio da produção e disseminação de conhecimentos e da assessoria ao Estado nas suas decisões estratégicas.



ipea Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

Secretaria de
Assuntos Estratégicos